



Vertigens digitais e os (in)cômodos no Brasil da Pandemia

André Luís Cardoso Tropiano¹

Resumo: Nesse ensaio imergiremos no cotidiano permeado pelas tecnologias digitais implicados nos nossos fazeres diários, em que as dicotomias entre ser e estar, tempo e espaços se conectam como uma possibilidade. Durante a pandemia de COVID-19, a (con)vivência mediada foi um desafio imposto em nossas várias experiências cotidianas. *Smartphone*, computador, *wi-fi*, televisão e *tablet* se tornaram elementos essenciais nos cômodos de casa, fixos ou móveis, sempre conectados à internet e conectando nossa vida nos fluxos das mídias sociais. Não há como dissociar o fazer sociológico das redes digitais e das influências que elas exercem nas nossas práticas cotidianas. Minha intenção é provocar reflexões para sobre-vivências nas mídias sociais em tempos de fascismo no Brasil da pandemia.

Palavras-Chave: Pandemia. Fascismo. Sociedade em Rede. Mídias Sociais. Cotidiano.

Digital vertigo and the discomfort in the pandemic Brazil

Abstract: In this essay, we immerse on Everyday Life crossed by the digital technologies implied in our daily duties, in which the dichotomies between being, time and space are connected as a possibility. During the COVID-19 pandemic, mediated (co)existence was a challenge imposed on our various experiences. Smartphone, computer, wi-fi, television and tablet are the essential elements in the home, set or mobile models, always connected to the Internet and connecting our lives in social media flows. There is no way to dissociate sociological practice to digital networks and the influences they exert on our daily practices. I intend to provoke some reflections for survival in social media in fascism times in pandemic Brazil.

Keywords: Pandemic. Fascism. Networked Society. Social Media. Everyday Life.

¹Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGECC-UERJ). Membro do Núcleo de Estudos Sobre Periferias (NEsPe-FBEF/UERJ). Bacharel em Comunicação Social, também pela UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID:0000-0001-5717-2733. E-mail: andretropiano@yahoo.com.br.



1. Cotidianos (cor)relatos

Ainda é cedo e o barulho do alarme ecoa em todo o quarto. Não que ele seja grande, até porque cada vez mais os apartamentos são menores nas grandes cidades, talvez por isso o eco seja tão alto. Estico as mãos na tentativa de desligar o alarme. Caio no sono. A música mais irritante e mais adorada torna a tocar, a soneca esperada ou desesperada. Lembro que não tenho que sair de casa, mas tento manter a rotina. Desligo o *tablet* que tocava as oito horas de música de relaxamento para o sono, das quais só tocaram seis horas. Pego o celular. Dessa vez, desligo o alarme.

Ainda sonolento, clico no aplicativo azul, vejo as notificações embaçadas. Agora clico no verde e vejo as conversas nos grupos. O que eu perdi enquanto dormia? Alguém quer falar comigo? Alguém se preocupou comigo nesse tempo em que estava *off*? Aparentemente não. Nesse horário ainda estão acontecendo algumas *lives*, de quem virou a madrugada na música ou quem começou a manhã religiosamente orando. Levanto-me lentamente. Faço iniciar minha rotina: banho, dentes, café.

Ligo a TV. Os números dobram, as recomendações extrapolam, as informações se ausentam, o drama de um mundo inteiro assolado por um vírus de alto contágio. Parece filme distópico, mas é real. O que é real? O celular toca para uma chamada de vídeo. É minha avó, ela passou a usar o aplicativo de mensagens e ligações do celular para falar com todos. Vejo metade do rosto dela, peço para ela acertar. Rimos. Conversamos amenidades, sobre o tempo, a comida, os animais de estimação, compartilhamos tempo e espaço. Fazemos voto de um bom dia, de proteção, de iluminação. Desligo.

Invariavelmente quando o celular está às mãos, clico no aplicativo azul. Atualizo as notícias, arrasto o dedo na tela que vai rodando, rodando, numa espécie de zapear da TV. Assisto aos vídeos de gatinhos fofos: curto, comento, compartilho. Passo para outra rede. Café na mesa. Comento as decisões políticas, tomo as informações por meio dos principais sites de empresas jornalísticas. No *WhatsApp*, aquele grupo da família esbanja teorias da conspiração absurdas. Se o seu pai não é um *bolsominion* você é privilegiado sim.

Acompanho as histórias ou *status* do *Instagram*, pulo de imagem em imagem, vídeo em vídeo, da amiga de infância com quem nem falo mais no dia a dia – ela virou *youtuber!* –, ao *digital influencer*, *instagrammer* – sim, é uma profissão! –, celebridades, humoristas, ativistas, astrologia, gatos fofos, etc. Informação. Entretenimento. Tempo. Tempo. Tempo.

Essas imagens cotidianas refletem o que Manuel Castells (2003, 2017) chama de Sociedade em Rede. É importante pensar essa relação com a tecnologia como o tecido de nossas vidas que se ligam pela cultura, pelas sociabilidades, relações econômicas numa conexão global protagonizada pela comunicação. Nesses tempos em que não podemos sair de casa, os artefatos



culturais, tais como computador, celular e *tablet*, possibilitaram que os impedimentos impostos pela pandemia fossem contornados pela conexão em rede, por meio da Internet. Ou, seja, ele afeta de maneira tão direta e intensa a nossa subjetividade e instiga, provoca e desafia o fazer sociológico que não pode ser pensado sem a presença das redes digitais.

Não estamos aqui falando de uma novidade tecnológica, mas da construção de uma normalidade, que se impôs na intensidade com que os artefatos culturais se consolidaram durante a pandemia no nosso cotidiano (CERTEAU, 2014). Assim como Christine Hine (2004), entendo que não há fronteiras entre o presencial e a vida *online*. Cada vez menos conseguimos separar o que é face a face do que é virtual, sobretudo com os avanços das tecnologias ubíquas. Hine (2004) denominou esse fenômeno como *Everyday Internet* – Internet Cotidiana, em livre tradução, em que os lugares digitais e físicos não são mais dicotômicos, mas sim espaços próprios de sociabilidades que são totalmente integrados às nossas experiências físicas ou presenciais.

Essa tendência teórica e metodológica está alinhada também ao sociólogo Manuel Castells (2003), que entende que vivemos na cultura da virtualidade real, que reside no âmbito dos híbridos que experienciamos com intensidade cada vez maior sob a influência das redes e tecnologias digitais em nossa sociedade.

Os artefatos culturais estão presentes nos nossos cômodos de casa, no nosso fazer enquanto pesquisadores e são cada vez mais decisivos socialmente com as tecnologias ubíquas, que possibilitam a habilidade de se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar, mantendo um estado de onipresença. Lucia Santaella (2013) defende a ideia de que a condição de nossa existência é ubíqua e isso traz efeitos para nossas condições físicas, psicológicas e computacionais. De fato, podemos pensar: por que fui cobrado por não responder prontamente a uma mensagem de aplicativo ou me vi numa situação em que não pude recusar uma chamada de vídeo?

Nem tudo são flores no mundo tecnológico e virtual, o que é um prato cheio para as pesquisas nesse campo. Precisamos observar muitas experiências ruins que podem ser vivenciadas dentro do ciberespaço, sobretudo quando a questão abrange a discussão política, religiosa e étnica que podem afetar diretamente o bem-estar social, inclusive. Nesses tempos de desinformação do público, em que imperam as famosas *fake news*, principalmente nos processos eleitorais considerados fraudulentos ao redor do mundo, elas mostram também o potencial organizativo que as redes possuem.

Observamos que é preciso alterar essa perspectiva negativa, organizando-nos e pensando em novas formas de intervir na mídia e outros setores da comunicação, criando um espaço que de fato proporcione um debate justo sobre a democracia. Nesse momento social em que o poder é o poder de comunicação, precisamos também estimular o diálogo, tanto em casa, na rua, no trabalho, quanto no ciberespaço.



Sobre essa presença da política nas mídias sociais digitais observamos que após as eleições de 2018, em que a extrema direita assume a presidência, houve uma escalada de ódio que se intensifica, fazendo imergir muitos discursos fascistas. Essa situação também fez aumentar o paradoxo de presença-ausência nas redes, pois a necessidade de se manter informado se coloca como um dilema pela imprescindibilidade de se manter lúcido, longe dos transtornos de ansiedade tão comuns nesse contexto.

2. As vertigens das mídias e o fascismo no Brasil

Nos últimos anos, principalmente após as manifestações de Junho de 2013, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, as mídias sociais se tornaram um ringue de disputas políticas. Tanto em nosso país quanto na América Latina, vivemos um momento em que as políticas públicas e econômicas promovidas por governos de esquerda alçaram vários países, os quais passaram a ocupar patamares de felicidade social em muitos *rankings*, o que deu a nossa região um lugar de destaque no cenário internacional. Atualmente, observamos a extrema direita tomar espaço, aumentar os discursos de ódio (ou de medo) e conseguir eleger um presidente. Com a pandemia (Covid-19) tudo foi se intensificando: os ataques à imprensa, o desleixo à doença, a desatenção à educação, a despreocupação com os mais vulneráveis.

Um discurso nacionalista cego, aliado a confusão informacional, aos ataques e recuos diários, que vão cansando, minando e desinteressando as pessoas, desvelam táticas que são próprias dos governos fascistas. O que não falta a esse governo são proximidades com o discurso fascista. O medo e a repulsa pelo Partido dos Trabalhadores (PT) foi uma mola propulsora da situação atual, criada e alimentada pelas mídias corporativas e pelas mídias sociais digitais, que trouxeram os ingredientes certos para engajar e levar o fascismo ao poder.

As grandes corporações da internet, a exemplo do *Facebook*, *Google*, *Amazon* e *Netflix*, são verdadeiros monopólios da atenção, da visibilidade, do consumo, da vigilância e da manipulação política em todo o mundo. Manuel Castells (2016) aborda a necessidade de se interpor aos monopólios midiáticos que oferecem enormes riscos às democracias, uma vez que essa comunicação não deve e não pode ser gerida por uma única narrativa. No Brasil, enfrentamos há anos esse desafio em relação a regulação dos meios de comunicação (rádio, TV e internet), agora precisamos de criar espaços para um debate qualificado em relação às mídias sociais digitais.

Atualmente normalizamos a entrega de nossos dados a essas empresas pela internet, concedendo desde nosso e-mail, telefone até documentos e cartões de crédito em prol de uma praticidade e de uma suposta liberdade. A reflexão proposta por diversos críticos da internet, como Andrew Keen (2012)



e Eli Pariser (2012), atenta para a necessidade de observar o fenômeno com certa cautela, sobretudo com o crescimento desses monopólios empresariais que expandem seus domínios nas redes.

O documentário da *Netflix*, *Privacidade Hackeada* (2019), lançado em 24 de julho de 2019, aborda o caso da venda de dados realizada pelo *Facebook* e o uso feito pela empresa *Cambridge Analytics* para influenciar as democracias ao redor do globo, por meio de estratégias políticas-discursivas durante as eleições sem diversos países. O documentário cita, inclusive o caso do Brasil, em que pelo menos 400 mil usuários tiveram seus dados violados, na ocasião da eleição presidencial de 2018. O caso reverberou de tal maneira que acarretou consequências jurídicas ao *Facebook* em vários países. No Brasil, a empresa foi multada pelo Ministério da Justiça no valor de 6,6 milhões, no final de 2019, porém a questão pouco repercutiu nos espaços e na própria rede, sem que levantasse um debate mais significativo sobre a privacidade e a gestão dos dados pela empresa.

Os vários escândalos de venda de dados pelos sites de redes sociais digitais são um território de grande disputa. Podemos refletir em que medida o consentimento de liberação de dados por parte dos usuários pode permitir que sejam compartilhados com outras empresas? Fábio Malini e Henrique Antoun (2013) percebem que as estratégias empregadas pelas empresas na internet são sempre de redução da liberdade em favor de sua mercantilização e acumulação de capital através das informações coletadas.

Rememoro, assim, uma situação que me ocorreu, durante as aulas de estágio docente, em que uma das alunas dizia que no *Netflix* temos mais liberdade para escolhermos o que queremos ver. É fato que é uma mudança de hábitos de consumo. Antes íamos a uma locadora, depois passamos a baixar vídeos pela *web*, por meio de programas específicos (mesmo que depois tenham se tornado ilegais) ou comprávamos o DVD no camelô e, posterior a isso, passamos a usar o *bitTorrent*². Agora, aceitamos pagar por um serviço que escolhe o que a gente pode ver. Cada dia é mais difícil traçar caminhos alternativos para ter acesso a conteúdos de grande circulação fora dos circuitos, tal como o cinema e a música. Um fato curioso sobre essas fronteiras de legalidade/ilegalidade foi a recente disponibilização do filme “Bacurau” completo no *Facebook*. No *Twitter*, um dos diretores do filme, Kleber Mendonça Filho, posou na compra do DVD em um camelô na rua e questionou a escolha da capa.

Mas que liberdade é essa do *Netflix*? Recordo de outro episódio, anterior as eleições presidenciais de 2018, em que se levantava muito a questão dos discursos da extrema direita que tendem a um nazi-fascismo. Acabávamos de discutir com um familiar sobre as suas posições políticas perigosas e muito

² Protocolo de rede que permite aos usuários compartilharem arquivos e realizar *downloads* sem estar em um servidor. É um exemplo de rede peer-to-peer de transferência de dados entre dois ou mais usuários.



próximas desses discursos, mas sem muito sucesso de diálogo. Ligamos o *Netflix* na TV, para a nossa surpresa uma das primeiras sugestões era o filme “22 de Julho”, que conta a história de um fanático da extrema direita e racista que assassinou 77 jovens, em 2011, na Noruega. O alvo-principal eram adolescentes que estavam em um acampamento da ala jovem do Partido Trabalhista, na Ilha de Utoya. O filme deixou um ar reflexivo, pois sua estreia coincidiu com esse processo eleitoral e sabemos que os lançamentos das produções são segmentados por regiões. Por que o Brasil foi uma dessas praças escolhidas? Proposital ou acidental?

3. Os filtros (in)visíveis e as táticas de sobrevivência

A mesma aluna da aula de estágio docente, que citei anteriormente, também discordou de mim em relação a questão da publicidade no *Facebook*. Ela me deu um exemplo e disse acreditar que tínhamos o poder de escolha. Podemos escolher o que vemos no *Facebook*. Ela disse que tinha criado o hábito de classificar as postagens de anunciantes, por exemplo. Nos três pontinhos que aparecem do lado direito da postagem, você pode entender o porquê de você estar vendo esse anúncio e ocultá-lo. Conseguimos entender a gravidade disso? Quanto mais informação eu dou ao *Facebook*, mais informação serão requeridas e mais irá saber sobre mim, sobre as minhas escolhas e as minhas preferências.

O que eu pesquiso, o que eu converso, principalmente o que eu tenho interesse em comprar, consumir, magicamente vira um bombardeio. Certo dia pesquisava por casacos na internet. Abro o *Facebook*, ao rolar o *feed* o que mais vejo são casacos, várias marcas, vários tipos. Você não queria casaco?

Em outra ocasião, conversava em casa sobre a necessidade de comprar máscaras para poder sair na rua. O celular estava próximo. Não seguimos a recomendação do Mark Zuckerberg de fechar a câmera do computador (e por que não tapar o áudio do celular?), por que parece paranoia. Quem ia querer saber das minhas conversas privadas e fúteis? Abro o *Facebook*. É máscaras que você quer? Tem lisa, estampada, cirúrgica, de tecido, descartável, lavável. Dessas situações emerge uma questão: filtramos ou somos filtrados? Sem querer tender ao dualismo, ao maniqueísmo. Em que medida, quando filtramos, damos mais informações para a plataforma?

Então, cada vez que classifico uma postagem, eu dou a possibilidade de que ele me mostre outros conteúdos para que eu classifique. Importante notar que nem todo mundo tem o letramento para diferenciar conteúdos patrocinados de conteúdos orgânicos. É verdade que a palavra “patrocinado” aparece bem pequena abaixo do nome da página que está pagando a divulgação. Porém, de toda forma, o estrago já está feito. Gostei daquilo, cliquei, comprei. Recebi o *e-mail*, confirmo a compra, recebo diariamente ofertas, ao lado direito do



e-mail vão aparecer ofertas relacionadas. O ciclo do consumo. É um ciclo sem fim.

A partir dessa questão, questionamos as táticas do cotidiano, conforme Michel de Certeau (2014), em que nomeio de sobre-vivências. Evoco, assim, um clássico da literatura distópica, “Admirável Mundo Novo”, do escritor britânico Aldous Huxley (1979), publicado em 1932, em que tratava de uma sociedade futura sob um regime autoritário. Na obra literária, o domínio não se dava pela coerção ou violência física, mas sim pelo controle dos sentimentos e comportamentos. Alguma semelhança? As “previsões” de Huxley englobavam a fertilização *in vitro*, clonagem, experiências imersivas em audiovisual e o uso excessivo de psicotrópicos, por exemplo. Essa aproximação com a realidade atual, faz pensar até onde seremos capazes de chegar e em que bases estamos construindo nossa sociedade?

A gente precisa entender como o consumo rege esse mundo capitalista e a maneira com que as mídias tentam manipular nossas necessidades. Sair do *Facebook* ajuda? Do mesmo modo, parar de ver televisão ajuda a combater a manipulação midiática? Particularmente, penso que não. A mídia está aí, ela faz parte do nosso mundo e precisamos lidar com ela. Quando nos ausentamos do debate, nós saímos da bolha ou entramos em outra bolha? (FERRARI, 2018)

Outro ponto que se coloca é a possibilidade de diálogo com o fascismo. Existe essa possibilidade? Como? Ensina? Certamente quem tiver a fórmula vai ganhar muito dinheiro nesses tempos obscuros. Talvez essa seja a fórmula: dividir para conquistar. Enfim, eu tentei. Juro que tentei de todas as formas, conversar, de maneira respeitosa, honesta, humilde. Falhei. Até que eu cansei, adoeci, perdi as esperanças. Mas é assim que ele age, rouba nossa vontade de viver, nossa esperança por um mundo melhor. Então, reaja! Durante as eleições passou pelo meu *feed*: “Aplicativo para descobrir quem segue página de Jair Bolsonaro faz sucesso no Facebook”. Não hesitei, deletei todos os supostos amigos que habitavam a minha rede e alimentavam a rede dos medos, dos ódios.

Diante dessa problemática, também penso sobre como o corpo humano lida com todas essas transformações que são, em suma, sociais e culturais. Quais as mazelas psicológicas que podem ser impor ao humano? As relações humanas se constituem dentro da sociedade em rede como relações de disputa discursiva, em que a preocupação com a saúde é algo legítimo e cada vez mais latente. O filósofo Byung-Chul Han (2015) aborda o comportamento social da negação na cultura ocidental e comonos transformamos em sujeitos ansiosos, estressados, insatisfeitos, infelizes a medida em que a tecnologia avança a passos largos. Essas consequências têm relação direta com o contexto em que se insere o ciberespaço, com a flexibilização das relações e adaptabilidade constante, inclusive das relações sociais e individuais.

A ansiedade, síndrome de *burnout*, do pânico, *workaholics*, são apenas alguns dos distúrbios facilmente notados em meio a tanta gente de olho nas



telas nas ruas, praças e transportes. Ao mesmo tempo, nunca se falou tanto em bem-estar, alimentação saudável, atividades físicas, seguindo a cartilha do Vale do Silício. O senso comum grita aos ouvidos que temos um desempenho e uma produção a realizar na velocidade e na eficácia das tecnologias. “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos de obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos.” (HAN,2015, p. 22). A palavra empreendedorismo dita a ordem da sociedade em rede, uma vez que o trabalho é cada vez mais automatizado, digitalizado, o humano ganha novas capacidades, mas também perde outras às custas de se manter o sistema econômico capitalista.

4. (In)conclusões

Este ensaio teve como objetivo imergir, de maneira subjetiva, nas questões que se impõem para o fazer sociológico nos (in)cômodos que se tornaram as mídias sociais como um campo social, cultural e psicológico. Essa experiência poderia ser de limitação aos cômodos de nossa casa, mas se expandem sem fronteiras de espaço-tempo, ampliando nossa visão e tornando ainda mais complexas nossas subjetividades. Se por um lado, podemos acreditar que a pandemia parou o mundo num viés econômico, podemos também pensar que ela manteve a produção humana, sobretudo na comunicação. Nada mudou ou tudo mudou, para melhor ou para a pior? Tivemos que nos adaptar, começar ou manter o trabalho de casa, com reuniões, aulas, confraternizações, aniversários pela tela do celular ou do computador.

Fomos impelidos a acompanhar as notícias, a comentar a política, a estudar, a participar de eventos *online* e até mesmo a experimentar o relaxamento e os exercícios físicos de maneira mediada. A sensação de espaço e tempo se fundiram e se alargaram, gerando muitos sentimentos difusos sobre a realidade. Isso gerou uma reflexão sobre os meios de comunicação, sobretudo as mídias sociais digitais. No Brasil, em que vivemos um governo de aspecto fascista, essas percepções ficaram ainda mais latentes, trazendo ainda mais confusão mental para os sujeitos. Para nós, enquanto pesquisadores, vivendo e produzindo sobre esse espaço-tempo e seus fenômenos, ficamos com esses incômodos.

No momento em que questionamos a urgência de estar nas mídias sociais digitais, observamos o avanço neoliberal e neoconservador tomar conta do que há tempos acreditávamos ser a terra da liberdade, espaço para surgimento das múltiplas vozes e da partilha dos conhecimentos. A manutenção da liberdade de expressão passa pela manutenção da democracia, como o sistema de governo em que o poder emana do povo, em que o povo possa fiscalizar e acompanhar como são desenvolvidos os trabalhos da gestão de seus países. Podemos



acreditar que a internet é uma ferramenta fundamental na luta pela liberdade na sociedade em que vivemos, mesmo que as instituições não consigam responder na mesma velocidade do debate público. A opinião pública formada nessa arena pública que é o ciberespaço traz questionamentos e agenciamentos de pautas de interesses diversos por muitos coletivos e movimentos sociais. Esses movimentos retroalimentam a democracia e exigem dos governos uma postura perante as novas características e demandas da sociedade.

A medida em que a flexibilização da quarentena vai acontecendo, especialistas e jornalistas falam em um “novo normal”. O que chamam de “novo normal” é realmente novo? Que normalidade tínhamos antes? Questionar esses padrões estabelecidos socialmente é próprio do pesquisador das ciências sociais, bem como vislumbrar as possibilidades para entender e sair da crise democrática em que nos encontramos.

Como dar atenção a tudo? Como responder e dialogar com tantas demandas? Todas essas disputas e conflitos se dão pela nossa atenção, seja em relação ao consumo, ao entretenimento, a ação política, a reivindicação dos direitos humanos. Tudo passa na nossa *timeline*. Não há fórmula, nem há quem dê conta de tudo. Nesses tempos precisamos entender as nossas próprias necessidades em buscar estar bem, mesmo diante das tempestades. É preciso identificar o momento em que não estamos bem para nos expor a tantas notícias, situações e entender a condição de ser sujeito limitado, condicionado e inacabado.

Nas relações sociais, esse momento fez reforçar ainda mais nossa necessidade em trocar afetos, cuidar daqueles que queremos bem e criar vínculos afetivos sinceros e positivos. Ser solidário aos problemas sociais, agir positivamente e cultivar amizades também é lutar ativamente pela democracia e por dias melhores em nosso país. Sejamos resistência.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e de esperança**: movimentos sociais na era da internet. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** – artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

FERRARI, Pollyana (org.). **Fluido, Fluxos**. Reflexões sobre imagens voláteis, gênero, pós-verdade, fake news e consumo neste tempo de espirais fluidas.



Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Trad. Cristian P. Hormazábal. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 5. ed., Porto Alegre: Globo, 1979.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulinas, 2013.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação Ubíqua**. São Paulo: Paulus, 2013.

PRIVACIDADE HACKEADA. Direção: JehaneNoujaim e Karim Amere. Estados Unidos: Netflix, 2019. Streaming, color (116min).

Como citar este artigo:

TROPIANO, André. Vertigens digitais e os (in)cômodos no Brasil da pandemia. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 41-50, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.511>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020